

## “Qual é o crime desse rapaz?”: resistência e discurso no jornal Lampião da Esquina

Muriel Amaral & Claudio Bertolli

*Unesp*

E-mail: [murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br)

### Resumo

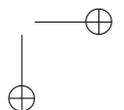
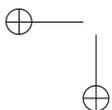
A proposta desse artigo é de apresentar uma reflexão sobre a contribuição que o jornal Lampião da Esquina teve ao ser um instrumento de resistência ao poder em defesa da diversidade sexual. Com um discurso peculiar, o jornal se tornou um veículo para a promoção do reconhecimento de homossexuais enquanto cidadãos e também de outras minorias sociais. Para esse estudo, a referência teórica e metodológica será realizada nas reflexões sobre discurso de Michel Foucault e sobre poder, com as contribuições de Hannah Arendt, além da revisão bibliográfica sobre imprensa alternativa no Brasil.

Palavras-chave: Lampião da Esquina, imprensa alternativa, homossexualidade.

### Abstract

The purpose of this paper is to present a reflection on contribution of Lampião da Esquina had to be an instrument of resistance to power in defense of sexual diversity. With a particular discourse, the newspaper became a vehicle for promoting the recognition of homosexuals as citizens and also other social minorities. For this study, the theoretical and methodological framework will be held in the reflections on speech Michel Foucault, and about power, with contributions from Hannah Arendt, beside literature review about alternative press in Brazil.

Keywords: Lampião da Esquina press, alternative press, homosexuality.



## Introdução

A FRASE que dá título a esse artigo foi a chamada de capa da edição de número 0 do jornal *Lampião da Esquina* sobre o processo judicial que o colunista Celso Curi sofreu quando mantinha a “Coluna do Meio”, que trazia informações do universo homossexual para as páginas do jornal *Última Hora*. *Lampião da Esquina* foi uma publicação que pretendia trazer aos homossexuais a importância deles na participação social, além de ser mais um canal de resistência e combate aos preconceitos. Essa pesquisa se propõe a analisar a formação discursiva das matérias e editoriais do *Lampião* que objetivaram o combate ao preconceito contra a diversidade sexual. Assim, foram selecionados trechos que foram veiculados com o objetivo de desmistificar a homossexualidade, e reconhecer os homossexuais, bem como outras minorias sociais, como parte da sociedade e reconhecendo-os como cidadãos.

Como referencial teórico, essa pesquisa se apóia nas reflexões de Michel Foucault (1986:135) sobre a concepção de discurso, ao concebê-la enquanto uma formação que vai além da condição semântica da significação dos signos. De acordo com Helena H. Nagamine Brandão (2012: 16), os estudos da análise de discurso das escolas francesas nasceu sob a égide do estruturalismo e houve contribuições interdisciplinares de outras esferas do saber como Psicologia e História, nessa perspectiva que as considerações de Michel Foucault. A escolha desse referencial se resolve pela necessidade de investigar as relações históricas e culturais na perspectiva da prática discursiva do jornal em análise. Assim, o discurso se encontra dentro de uma relação de poder-saber, se articulando na promoção de ação e apresentando “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre terminadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social” (Foucault, 1986:136).

Ainda no pensamento foucaultiano, o discurso não se articula apenas no encadeamento do sentido dos signos,

o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de conforto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias das práticas discursivas [...] Certamente os discursos são feitos

de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (1986: 56).

Dentro dessa perspectiva, Foucault leva em consideração os valores da história e as referências de cultura como caminhos de constituição discursiva, atendendo referências extralingüísticas. Desse modo, a análise do discurso compete na compreensão do reconhecimento dos sujeitos envolvidos nas práticas discursivas, a materialidade do discurso, que seriam as formas de produção e reprodução do discurso, além de entender o campo associado, as interferências que ocorrem para a formação discursiva. Para Foucault, o discurso é entendido como uma manifestação de dispersão, no sentido de que o discurso não é formado por uma unidade absoluta de concepção, há vários outros elementos que compõem a formação discursiva e que cabe à análise do discurso descrever quais são esses elementos que elaboram o discurso. Até mesmo o sujeito, para Foucault, não é único. No entendimento do autor, o sujeito é vazio, não na concepção de inexistente, mas, no entendimento que o sujeito se situa em uma posição estratégica de domínios de campos de conhecimentos que oferecem consistência para tal formação discursiva, ou seja, o discurso é uma forma de poder, o que contribui e fundamenta o posicionamento foucaultiano que o discurso é uma dispersão.

Como sequência às contribuições teóricas, essa pesquisa se debruça sobre a repercussão de poder fundamentado por Hannah Arendt (1983: 50), enquanto uma manifestação de reprodução social. Os trabalhos da autora não abordaram a diversidade sexual, suas reflexões enveredaram-se para os estudos do totalitarismo e autoritarismo de governos nazifascistas, todavia as posições de Arendt podem ser colaborativas, pois ela discorre que o poder desestabilizador não se encontra alheio às práticas morais e que ele se instala em sociedades desarticuladas enquanto uma unidade social. Além do mais, essa qualidade de poder necessita da obediência para a manutenção das suas atuações, mas a obediência não interpretada como uma prática passiva de mera reprodução dos discursos persuasivos que são disseminados na sociedade, mas é entendida enquanto uma moral que é produzida e reproduzida socialmente e cria a normalidade e aceitação desse poder.

Dentro de uma concepção refratária, a homossexualidade foi, e ainda é, interpretada como uma afronta à condição moral burguesa e biologizante de discursos totalizantes por considerá-la uma categoria inferior e marginalizada das representações normativas. Assim, o jornal *Lampião da Esquina* se encontra na posição de retificação dos conceitos pejorativos da significação pela comunicação pelo uso do discurso de resistência. O critério de seleção do conteúdo do jornal foi feito de modo aleatório entre todas as edições do jornal, originando uma amostragem sobre assuntos quanto à resistência e combate ao preconceito, já que em todas as edições o assunto é pertinente. Das edições selecionadas, foi escolhido uma matéria ou um artigo que tivesse como tema central ações de resistência e/ou combate à criminalização da homossexualidade.

## A luz do *Lampião*

Antes de adentrarmos à análise do discurso da publicação, é importante ressaltar a importância do jornal *Lampião da Esquina* e o lugar ocupado por ele nas manifestações da imprensa alternativa, também conhecida como *nanica*. (Kucinski, 1998: 178) O conceito de imprensa *nanica* ou alternativa se presta devido à menor dimensão do veículo enquanto à infra-estrutura e também por oferecer um posicionamento ideológico que vai de encontro às forças dominantes dos meios de comunicação de massa, a imprensa alternativa teve amplo destaque no período da ditadura civil-militar<sup>1</sup> que ocorreu entre os anos de 1964 e 1985.

Pelo entendimento de Grinberg (1987: 20), o conceito de imprensa alternativa não se estabelece exclusivamente como sendo uma produção artesanal ou panfletária do conteúdo jornalístico ou pela deficiência do sistema de logística de distribuição. Há várias frentes de atuação da chamada imprensa

1. Mesmo não sendo o objeto de discussão dessa pesquisa, para esse trabalho o período compreendido entre os anos de 1964 a 1985 será entendido como ditadura civil-militar por haver maciça contribuição da camada civil da sociedade para a permanência dos militares no governo e também da necessidade da tomada de atitude para conter a “ameaça” comunista no país que seria, supostamente, liderada por João Goulart a partir das reformas de base. Além disso, houve também houve a promessa de melhorias na ordem social por conta dos discursos da imprensa da época para conter as manifestações de cunho socialista e comunista. (Silva, 1994).

alternativa, todavia, a mais frequentemente encontrada é quanto à oferta de contraponto às forças dominantes, operando às margens das atuações onipresentes dos veículos de comunicação de massa. Mesmo dentro dessa condição, a presença da imprensa alternativa no universo editorial brasileiro não quer dizer que não tenha pouca influência no meio social, muito pelo contrário, se tornou ferramenta para a legitimação de práticas, ideologias e discursos contra influências arbitrárias e autoritárias.

O surgimento da imprensa alternativa naquela época é sintoma da limitação dos fluxos de informação ou da ausência de outros pontos de vista acerca dos fatos. A sociedade é privada da possibilidade de escolhas e de liberdade de acesso a outros canais de informação. Dessa forma, ainda seguindo o pensamento de Grinberg, o fenômeno de privação de acesso à informação faz que ocorra a deficiência informacional, um fato que pode perturbar severamente as manifestações de democracia, pois a informação está concentrada em poder de alguns grupos que as manipulam conforme os próprios interesses políticos e econômicos.

Na perspectiva de Regina Festa (1986: 25), houve uma contribuição significativa dos movimentos sociais para o desenvolvimento da imprensa alternativa durante o período da ditadura civil-militar pela reivindicação de direitos igualitários e pelas lutas contra as contradições sociais, oferecendo manifestações de resistência ao poder vigente. Dentro desse entendimento, o acesso à informação e ao conhecimento se tornam “um passaporte da cidadania, ao instrumento que viabiliza a integração de cada indivíduo à sua sociedade” (Marques de Melo, 1985: 11) e, assim, um signo de democracia e participação social pela oferta de cidadania e reconhecimento social.

A importância dessa reflexão sobre o conceito de imprensa alternativa trilha caminhos frutíferos sobre a necessidade apontada por Festa, pois a autora apresenta a contribuição social que os veículos pertencentes à imprensa alternativa ofereceram em nome das práticas democráticas de informação. Ainda seguindo as reflexões de Festa, os veículos de comunicação alternativa e popular são qualificados em três divisões quanto ao conteúdo e à proposta das publicações. No primeiro momento, compreendido entre 1968 e 1978, “caracteriza-se por uma comunicação de resistência, denúncia e acumulação de forças por parte das oposições” (1986: 10). Esse período compreende da instauração do Ato institucional 5 (AI-5), (assinado pelo presidente Artur da Costa e Silva, “que deu poderes punitivos ilimitados ao regime militar” (Fico,

2014:119), e previa medidas arbitrárias como o fechamento do Congresso Nacional, a cassação de mandatos políticos e prisões), à abertura política e o enfraquecimento desse ato institucional. A segunda fase da imprensa alternativa se caracterizava pela necessidade de redemocratização do país e foi ao encontro da “explosão social, eleições nacionais, abrandamento das restrições políticas [...] pela existência de uma comunicação popular, multiplicadora de meios nas bases e pelo quase desaparecimento da comunicação alternativa” (Festa 1986: 10). E o terceiro período competia ao período de 1982 a 1983 e “caracteriza-se por uma atomização do processo de comunicação popular e alternativa na mesma medida que reflete a incapacidade das forças de oposição para articularem uma alternativa política à crise atual vivida pela sociedade brasileira” (Festa, 1986: 10).

Seguindo essa linha do tempo, *Lampião da Esquina* se enquadraria na segunda fase como sendo uma produção jornalística, que mesmo pertencendo ao período de enfraquecimento da imprensa alternativa, na perspectiva de Regina Festa, vai ao encontro de demandas sociais e a necessidade de reivindicação de direitos e valores negados às minorias abafadas pelas manifestações de poder. A iniciativa de editar um jornal que tivesse como temática central as questões das homossexualidades partiu da iniciativa de jornalistas, escritores e intelectuais de São Paulo e Rio de Janeiro, como Darcy Pentead, Adão Acosta, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, Aguinaldo Ribeiro e, ao longo dos anos, o jornal contou com a contribuição de vários colaboradores. Após a volta de João Silvério Trevisan, jornalista e escritor que acompanhou de perto as manifestações pela liberdade sexual nos Estados Unidos, e a visita de Winston Leyland ao Brasil, editor da *Gay Sunshine*, revista americana destinada ao público gay, não tinha como a imprensa brasileira permanecer indiferente quanto à necessidade de trazer à tona as discussões sobre a diversidade sexual, desejo e reconhecimento social desses indivíduos ao bojo da sociedade. Além de servir de ferramenta para combater as demonstrações de homofobia e intolerância a homossexuais.

Essa demanda se justifica pela força articulada de homossexuais prezarem pelo reconhecimento da própria condição cidadã enquanto atores políticos engajados no espaço social, assim como fizeram também mulheres e negros em movimentos sociais organizados e que, aliás, contribuíram muito para o fortalecimento das reivindicações de homossexuais no Brasil. Mesmo havendo

a produção de outros veículos homoeróticos, *Lampião da Esquina* possivelmente tenha sido o primeiro que teve maior alcance no território nacional<sup>2</sup>. O jornal teve um começo próspero, a despeito da própria condição social em que o país se encontrava, o regime civil-militar estava insustentável por conta da insatisfação da população e da crise econômica que estava enfrentando devido aos empréstimos realizados em 1977 que causariam o déficit de 30 bilhões de dólares, o maior dos países subdesenvolvidos naquela época (Gaspari, 2004: 336).

As manifestações de homofobia por conta de ações do Estado em intervenções policiais e a ausência de veículos de comunicação que não tratassem a homossexualidade como uma aberração social são alguns dos motivos que fazem nascer o jornal *Lampião da Esquina*. Surge em abril de 1978 a edição de número 0 do jornal, em formato tabloide com 16 páginas, se estendendo até junho de 1981, com 36 edições.

O jornal era composto por sete seções: Opinião (que se assemelha ao editorial da publicação); Ensaio (contribuições reflexivas sobre algum tema); Esquina (artigos e notas diversas); Reportagens (informações de cunho jornalístico); Tendência (assuntos de cunho cultural); Cartas na mesa (correspondência entre os leitores e também com o jornal) e, a partir da quinta edição, *Lampião* contou com a *Bixórdia*, uma coluna emblemática do ponto de vista discursivo por ser polêmica e ousada ao abordar alguns comportamentos homoeróticos.

Um outro ponto pertinente sobre o jornal é quanto ao planejamento visual. As linhas grossas e a quase ausência de cores nas edições fazem que *Lampião* tenha uma identidade visual rústica e pesada. A maior preocupação do jornal era com a composição do discurso verbal, relevando os aspectos imagéticos e gráficos. Mesmo havendo a existência de fotografias coloridas nos jornais, esse recurso não foi utilizado em nenhum dos números, todas as fotografias eram em preto-branco. De acordo com Rodrigues (2010: 84-85)

2. *Lampião da Esquina* não foi a primeira publicação denominada de imprensa homoerótica. O primeiro título dessa linha que se tem registro foi o *Snob*, que circulou de forma alternativa entre os anos de 1963 e 1969 apenas na cidade do Rio de Janeiro. Outras publicações também passaram a circular nas cidades em que foram editadas, também de modo alternativo. De acordo com Green (2000: 55) foram mais de 30 títulos que circularam, principalmente, em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

as manchas gráficas pesadas, poucos claros, uma diagramação dura e de pouca inventividade (...) O Lampião era publicado com rígidas colunas. Fios grossos acima e abaixo delas sustentavam o texto, e uma moldura retangular de cantos arredondados era empregada para diferenciar as seções (...) Lampião utiliza a composição visual padrão, ou seja, aquela baseada em blocos horizontais e/ou verticais, e não traz nada de novo ou criativo. As matérias são dispostas ocupando o número de colunas estabelecidas na mancha gráfica do periódico.

Sobre o nome da publicação, há alguns posicionamentos interessantes. A palavra Lampião faz alusão à figura destemida do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, que mesmo sendo rude quanto ao comportamento, era também vaidoso com a aparência<sup>3</sup>. Como explica Aguinaldo Silva, em entrevista à revista Isto É, sobre o surgimento e o nome da publicação.

O nome do jornal? Há uma lista imensa, mas o que me agrada é Lampião. (...) Primeiro, porque subverte de saída a coisa machista: um jornal de bicha com nome de cangaceiro? Segundo, pela ideia de luz, caminho, etc. E, terceiro, pelo fato de ter sido Lampião um personagem até hoje não suficientemente explicado: olha aí outro que não saiu das sombras<sup>4</sup> (Isto é, n. 53, p. 14)

O nome da publicação também faz correspondência ao oferecimento de luz à esquina, um local popularmente conhecido pela marginalidade e

3. Virgulino Ferreira da Silva foi líder do maior bando de cangaceiros no Nordeste brasileiro que entre os anos das décadas de 1910 a 1930 se tornou, do ponto de vista governamental, um problema para as condições agrárias da época, pois, ele e o seu bando saqueavam propriedades rurais e estabelecimentos comerciais. “Cada novo governador de Pernambuco, durante a década de 1920, convidava elementos dos Estados vizinhos para coordenar os seus esforços no sentido de combater os bandos de cangaceiros que recomeçavam a proliferar, o mais famoso dos quais for, sem dúvida, o do Lampião. (Love, 1989:135)

4. O fato de se “encontrar às sombras” é uma versão sobre uma possível homossexualidade do cangaceiro. Como apontado, Virgulino Ferreira era vaidoso com a aparência, como apontam os registros realizados pelo fotógrafo Benjamin Abrahão que acompanhou Lampião e seu bando durante alguns anos. Essa representação do cangaceiro foi tema do filme “Baile Perfumado”, lançado pela RioFilmes, sob a direção de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, em 1996. Recentemente, o escritor Pedro de Moraes consegue judicialmente o direito de publicar o livro (ainda sem editora) “Lampião mata sete”, em que apresenta mais indícios sobre as práticas homoeróticas do cangaceiro.

como sendo uma referência de prostituição, clandestinidade. Assim, o jornal seria uma forma de iluminar esses espaços e retirar os homossexuais do limbo social a que são submetidos por uma questão de poder.

Embora o objetivo mais específico do jornal, tal como explicitado por seus fundadores, fosse o de se tornar um canal de comunicação para discussões relativas aos interesses da comunidade gay e de servir como instrumento de reconhecimento de homossexuais da sociedade brasileira do final da década de 1970, a leitura do jornal nos permite perceber que seu âmbito de abrangência foi maior do que inicialmente se pretendeu. O jornal se tornou veículo de representação de outras minorias como os negros, ambientalistas, populações indígenas, detentos, militando também em defesa do uso de maconha. Era a defesa por ideais libertários, independente da qualidade de militância. A linha editorial de *Lampião* era orientada pelo posicionamento político por uma visão libertária de homossexuais e dessas outras minorias. Com linguagem debochada e popular no meio homossexual como o uso dos termos “viado”, “bicha”, “sapatão”, a intenção do jornal era de desmistificar as representações das homossexualidades, trazendo à tona práticas discursivas dos homossexuais, quebrando a representação de indivíduos nocivos à sociedade, como argumenta Aguinaldo Silva em uma das matérias do jornal

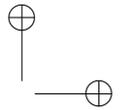
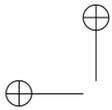
O uso de tais palavras em *Lampião*, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para, em seguida, desmistificá-las. Veja bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviam como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o nosso mundo e o dos outros. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras (*Lampião da Esquina*, nº3, 1978)

A ironia na linguagem não se restringia apenas nas qualificações da homossexualidade. Em várias matérias e artigos veiculados pelo jornal o deboche e a irreverência da linguagem se tornaram dispositivos para a consolidação do jornal para o seu público. Nesse movimento de trazer à tona a homossexualidade no espaço social e fazer que esses indivíduos fossem reconhecidos enquanto cidadãos, que a edição de número zero do jornal trouxe o editorial com o título “Saindo do gueto” que propôs a ação de tirar os homossexuais da marginalidade.

Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas (Lampião da Esquina, n. 0, abril de 1978).

Nessa mesma edição, que trazia como chamada de capa “Celso Curi processado. Mas qual é o crime desse rapaz?” foi veiculada uma matéria em defesa do colunista Celso Curi contra a demissão sofrida por ele em 1977, enquanto prestava serviços ao jornal Última Hora, onde escrevia a “Coluna do Meio”. A coluna era escrita com muito humor e irreverência, e era um espaço destinado a assuntos sobre comportamentos e festas do universo gay em São Paulo. Curi foi processado com base no artigo 17 da Lei de Imprensa e, como apresenta a matéria, segundo o posicionamento do Juiz de Direito da 14ª Vara Criminal

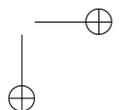
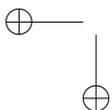
[...] por ofender de modo contínuo no período compreendido de 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976 a moral pública e os bons costumes na Coluna do Meio, cujo o nome não deixa dúvida quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, defendendo abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correio Elegante’. Alguns textos da Coluna do Meio foram selecionados e apresentados pela promotoria como peças de acusação; entre eles: notícias sobre homossexuais da Inglaterra e dos



Estados Unidos, transcrição de uma entrevista do soldado Nel B. Thomas pedindo liberdade de amor aos homossexuais e bissexuais do exército: os termos “heróis gays”, “enxutos da Baixada”, “terrível perseguição”, “Cidade Ma-ra-vi-lhooo-sa”. (*Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978).

Nesse caso que cabem as reflexões de Hannah Arendt sobre poder. A condição da heteronormatividade é instaurada de modo que se concretiza a prática de um poder normativo e naturalizante. Assim, a homossexualidade deveria ser combatida como uma ofensa a esse poder. Por isso que a filósofa considera o lugar do poder fazendo uma analogia à cebola como figura de representação da influência e hierarquização dos atores sociais quanto às representações de poder

(...) cujo o centro, em uma espécie de espaço vazio, localiza-se o líder; o que quer que ele faça, integre ele o organismo político como em uma hierarquia autoritária, ou oprima o seus súditos como um tirano-, ele o faz de dentro, e não de fora ou de cima. Todas as partes extraordinariamente múltiplas do movimento: as organizações de frente, as diversas sociedades profissionais, os efetivos do partido, a burocracia partidária, as formações de elite e os grupos de policiamento, relacionam-se de tal modo que cada uma delas forma a fachada em uma direção e centro na outra, isto é, desempenham o papel de mundo exterior normal para um nível e o papel de extremismo radical de outro. A grande vantagem desse sistema é que o movimento proporciona a cada um de seus níveis, mesmo sob condições de governo totalitário, a ficção de um mundo normal, ao lado de uma consciência de ser diferente dele, e mais radical que ele. Assim, os simpatizantes nas organizações de frente, cujas convicções diferem apenas em intensidade daquelas os membros do partido, envolvem todo o movimento e proporcionam-lhe uma enganosa fachada de normalidade ao mundo exterior por sua ausência de fanatismo e de extremismo, enquanto, ao mesmo tempo representam o mundo normal ao movimento totalitário, cujos membros chegam a acreditar que suas convicções diferem apenas em grau daquelas das demais pessoas, de tal modo que eles jamais precisam estar cons-



cientos do abismo que separa seu próprio mundo daquele que de fato os rodeia. A estrutura da cebola torna o sistema organizacionalmente à prova de choque contra a fatalidade do mundo real. (Arendt, 2001: 136-137).

Em 1979 saiu a sentença do processo inocentando o colunista por que não foi comprovada a ocorrência de delitos contra a ordem pública. É interessante o posicionamento do discurso jurídico da acusação encontrado na matéria do jornal sobre o caso em que há a necessidade de controle das subjetividades e dos desejos, além da normatização das representações heteronormativas como corretas, naturais e respeitadas. Dessa forma, o posicionamento da promotoria de criminalizar a homossexualidade pode ser interpretado à luz do pensamento de Michel Foucault ao discorrer que a sexualidade é um dispositivo de poder que interfere de modo significativo no processo de produção de subjetividade dos indivíduos naturalizando modos de vivência que vão de acordo com os signos do discurso do poder, no caso, a heterossexualidade. Como apresenta o próprio discurso jurídico houve a condenação da prática sexual entre pessoas do mesmo sexo como “anormais”. Nessa condição, pela vertente política seguida, Lampião seria uma prática discursiva para a redenção de homossexuais da anormalidade. Os anormais precisam sofrer as interferências discursivas e tecnológicas como as práticas pedagógicas e médicas para a adequação de comportamentos como é o caso da masturbação infantil, homossexualidade, mentalidade de criminosos e de deficientes mentais. De acordo com o autor, no século XIX, eram comuns os julgamentos serem acompanhados por médicos ou analistas para legitimarem a necessidade de acompanhamento profissional ou até mesmo a condenação pelo indivíduo.

A patologização e marginalização da homossexualidade são manifestações presentes em manifestações homofóbicas, e também, no discurso da imprensa daquela época. Como exemplo, a matéria intitulada “As bodas do diabo”, veiculada na revista Fatos & Fotos, no dia 22 de dezembro de 1962, assinada pelos jornalistas João Luiz de Albuquerque e Orlando Rafiano, que apresenta uma cerimônia simbólica do casamento entre dois homens, que foi considerada pelos repórteres como sendo “a solenidade mais espantosa do século”. A matéria apresenta o casamento com muito sarcasmo, preconceito e também deboche. Um dos trechos significativo para a constatação da homofobia pela revista foi apresentar que

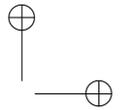
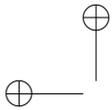
O que há de mais lamentável em tudo isso é que, no bairro mais famosos da cidade [Copacabana], tenha a degenerescência atingido um tal ponto que um fato dessa ordem não tenha espantado os que, como as autoridades, souberam com tanta antecedência da caricatura grotesca de um dos atos mais sérios de todo o mundo – o casamento [...]. Em meio à confusão, ninguém sabia mais o sexo das pessoas. E as dúvidas pairavam no ar quando descia uma pessoa de um automóvel num caríssimo Dior, brincos na orelha, jóias pelo corpo. (Green; Polito, 2006: 61)

No final do texto, apresentam que “A menos de 2 km o Distrito Policial. Em Copacabana, alheios aos princípios morais e ao Código Penal, dois homens decidiram afrontar as leis do país e o conseguiram<sup>5</sup>” (idem, ibidem). Um ponto interessante a ser destacado é que o bar onde foi realizada a recepção dos convidados foi fechado por ordem policial, dois dias após a circulação da revista.

Pela leitura das fontes é reconhecido que o *Lampião da Esquina* se posicionou como defensor das manifestações da diversidade sexual e de outras minorias. Como pôde ser percebida, a homossexualidade sofria resistência pela aceitação por desafiar os códigos de poder. Mesmo havendo a repressão, *Lampião* se torna um discurso de resistência e força. O resultado inocentando Celso Curi poderia ser interpretado como sendo uma primeira manifestação do reconhecimento dos homossexuais fora da condição de marginalidade, de respeito enquanto cidadãos.

Mesmo que não tenha sido fechado ou sofrido alguma medida mais drástica, o incômodo gerado pelo jornal o levou a ser “[...] alvo de várias tentativas de sanções por parte dos militares, boicotes dos donos de banca e atentados de grupos paramilitares, que explodiam bombas caseiras em locais que vendiam publicações alternativas” (Péret, 2011:53). Além disso, segundo aponta Green (2000), desde agosto de 1978 houve a intenção do governo de fechar o jornal, que poderia ser sido feita tanto pela aplicação da Lei de Imprensa quanto por auditorias financeiras. Por essa série de agressões sofridas pelo jornal, instaurou-se a dúvida sobre a legitimidade da liberdade de imprensa e expressão com a anulação do AI-5.

5. A matéria pode ser lida na íntegra na referência apresentada.



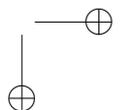
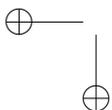
A incerta situação política da “abertura”, atravessada por ações localizadas de repressão política e terror paramilitar, continha as expectativas em relação aos avanços libertizantes, o que talvez ajude a compreender por que iniciativas em favor dos direitos civis pareciam distantes nos horizontes da época. É certo que Lamião e os emergentes grupos se esforçaram por construir uma pauta de reivindicações que visavam combater discriminações sofridas pelos homossexuais na vida civil em geral (Simões; Facchini, 2009:94).

Mesmo com as acusações e com a repressão exercida pela polícia, Lamião manteve o posicionamento de militância e resistência. Pela perspectiva foucaultiana, o poder exerce o controle e a disciplina dos comportamentos, bem como a construção das subjetivações, um código imperativo que estabelece significações entre a normalidade e a patologia. Todavia, a despeito de haver essa força repressora é importante surgir o movimento de resistência como uma nova forma de pensar e reconsiderar a atuação do exercício de poder. Esther Díaz, sobre os dispositivos de controle e vigilância apresenta que

quien escapa a esos parámetros es anormal. Pero los diferentes pueden esforzarse por generar sus propios modelos como condición de posibilidad para acceder a instancias igualadoras. Esto no quiere decir renegar de las diferencias, sino lograr paridad política, jurídica, laboral, social. Abrir espacios donde la diferencia no sea sometida a la constricción del patrón imperante. Habilitar el derecho a diferir, a no ser idéntico al molde que se impone como imperativo, y no pagar un duro precio por ello. (Díaz, 2010: 82).

Desse modo, de acordo com Foucault, a resistência não está longe da existência do poder, a resistência coexiste com o poder e, por isso, essa relação de dominação pode ser alterada.

Essa resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea [...] Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder [...] tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. (Foucault, 1988: 241)



Essa foi uma das capas emblemáticas do jornal por retratar bem a condição de desfiar as estruturas e poder e oferecer resistências aos códigos dominantes.

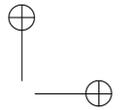
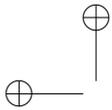


Imagem 1  
Jornal Lampião da Esquina, nº12, maio de 1979  
Fonte: [www.dignidade.com.br](http://www.dignidade.com.br)

Pela necessidade de defesa dos direitos pela diversidade sexual, a edição de número 12, de maio de 1979, trouxe alguns dos colaboradores do jornal com vestimentas de presidiário e com o semblante sério no rosto. Mesmo se tratando de um assunto importante e preocupante, o humor e a ironia também fizeram parte dos discursos da capa e da nota no interior do jornal sobre o porquê dessa representação na capa. Com a chamada “Procura-se: Eles não se chamam Attala nem Luftalla, não são sócios do Lume, nem do Ludwig: pode haver crime maior?”, foi questionado o motivo de perseguição aos homossexuais, sendo que há casos mais preocupantes e que afetam a sociedade de modo mais impactante como os casos de corrupção e sonegação fiscal. O Caso Atalla, envolve o empresário Jorge Wolney Atalla, considerado um dos financiadores da Operação Bandeirantes, uma ação de repressão contra estudantes, líderes sindicais e outras representações sociais que eram opositoras ao regime da época. A ação foi considerada uma das mais violentas entre os anos de 1960-1970. O caso Luftalla também se refere a indícios de corrupção para o favorecimento do grupo Luftalla por intermédio do então governador de São Paulo, Paulo Maluf e o ex-ministro Reis Veloso, em 1977. Já a Lume e Ludwig foram empresas acusadas de sonegação de imposto. Ainda nessa capa, há a chamada “Amor entre mulheres. Elas dizem onde, quando, como e porquê”, um destaque carregado de visibilidade para os relacionamentos lesboafetivos e também uma forma de retirar da obscuridade o lesbianismo. Essa chamada no jornal se torna um discurso de resistência e visibilidade para mais essa demanda da diversidade sexual.

É pertinente a veiculação dessa informação, ainda mais na capa do jornal para oferecer visibilidade às demandas da homossexualidade. O conteúdo do discurso da capas (tanto verbal quanto imagético), principalmente a chamada maior, vai ao encontro do pensamento desenvolvido por Michel Foucault e as contribuições de Hannah Arendt. Primeiramente, sob a ótica foucaultiana, o discurso oferece resistência e luta à condição de dominação, uma forma de manifestação de destaque para sujeitos marginalizados dentro de uma prática moral discriminatória.

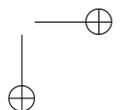
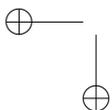
A despeito desses indícios de corrupção que estavam em efervescência no país naquela época, a equipe do jornal foi intimada a comparecer à delegacia e a depor sobre o apoio oferecido ao colunista Celso Curi. Na perspectiva arendtiana, o poder exercido dentro da sociedade se torna algo invisível no sentido de ser reproduzido dentro de uma concepção de obediência. Não uma



obediência passiva e mecânica, mas dentro de um entendimento que naturalização dessa força e que quaisquer elementos que possa intervir nessa condição precisa ser eliminados. Nesse sentido, que os dois autores, Michel Foucault e Hannah Arendt, complementam o objetivo dessa pesquisa de apresentar uma reflexão que possa esclarecer como são articuladas as propostas de poder e resistência no espaço social.

É interessante do ponto de vista discursivo que os problemas condizentes à vida coletiva como a corrupção e sonegação de impostos pareciam que não integravam uma lista de prioridades para investigação, mas a necessidade de intervenção na subjetividade de indivíduos que poderiam “afrontar” a condição moral pelo exercício da homossexualidade.

No dia 2 de abril cinco editores de *Lampião da Esquina* compareceram à sede do Departamento de Polícia Federal, na Praça Mauá, Rio (que, ironicamente, possui à porta este letreiro: “Imprensa Nacional”), para serem identificados criminalmente, Antônio Chrysóstomo, Francisco Bittencourt, Aginaldo Si/ia, Clóvis Marques e Adão Acosta foram fotografados de frente e de Perfil (e não de costas, como se esperava), e tiveram suas impressões digitais tiradas dezenas de vezes, indiciados que estão no inquérito de a° 25/ 78 daquela repartição policial, sob a acusação de “ofensa à moral e ao pudor público”(decreto 1077, Lei de Imprensa) [...]arquivos, as fotos dos cinco editores do *Lampião*, o DPF não deve se dar ao luxo de imaginar que com isso eles estão completos. Apenas para dar um exemplo: lá não estão os focos de Michel Albert Frank, o matador de Cláudia Lessin, nem dos que lhe forneciam aquele que era seu principal combustível – a cocaína. Lá também não estão os responsáveis pelo Grupo Lume, embora a denúncia por sonegação de impostos contra um deles tenha tido aceita recentemente pelo Supremo Tribunal Federal. Isso para não falar em outras figuras diante de cujas ações nosso trabalho de jornalistas parece aquela história de Davi e Golias (a imprensa é Davi, malhando sem parar o gigante insensível): os Lutfallas e Atallas os Ludwigs e outros que tais. De qualquer modo, Golias lá vai pedra,... (*Lampião da Esquina*, nº12, maio de 1979).

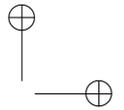
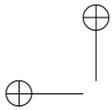


A repressão contra os homossexuais por mediação da polícia também foi assunto de matérias do jornal. Uma das atuações mais marcantes foram as blitz realizadas no centro de São Paulo, sob o comando do delegado José Wilson Richetti, que invadiam e abordavam pessoas em espaço de sociabilização de homossexuais, lésbicas, travestis e michês; entravam em atuação a Operação Limpeza e a Operação Rondão que planejavam a prisão desses indivíduos, a despeito de não terem qualquer comportamento que ferisse a ordem pública.

O delegado Wilson Richetti e os famigerados homens da sua 'Operação Rondão' que andavam de quarentena em São Paulo, encontraram um meio de comemorar a proclamação da República: dia 15 de novembro, saíram às ruas da capital paulista em busca de homossexuais. Só que, dessa vez, não eram as bichas os alvos procurados, mas sim, as mulheres: os policiais invadiram os bares Cachação, Ferros e Bexiguinha, e as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira *profissional* assinada, foram todas detidas, debaixo do seguinte argumento: "É tudo sapatão". Segundo panfleto distribuído posteriormente pelos grupos Terra Maria, Ação Lésbica-Feminista e Eros, na 4ª delegacia, para onde as detidas foram levadas, foi constatado que os policiais recebiam dinheiro para libertarem as pessoas, sendo que aquelas que não possuíam. Lá permaneciam". Em seu panfleto, aqueles três grupos paulistas denunciaram: Estamos novamente às voltas com a ação violento da polícia, ação essa que outra vez ficará impune no que diz respeito as autoridades". (Lampião da Esquina, nº31, dezembro de 1980)

Nas reflexões apresentadas acima, é interessante apontar o repúdio às atitudes tomadas pelo governo para a manutenção da "ordem" e o uso da violência para a erradicação da homossexualidade do espaço social. Em jogo, a relação de poder e a descrença pela impunidade dos autores desses atos. Todavia, a despeito dessa condição, não foram apagadas totalmente a necessidade de reivindicação, deixando explícito os movimentos de resistência e como consequência desse discurso as formulações ideológicas e promoção de ações, no caso, de organização social entre homossexuais.

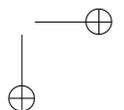
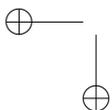
De acordo com MacRae (2005), a visibilidade que foi conquistada por homossexuais, além de outras minorias sociais, faz crescer também a defesa



da manutenção da ordem burguesa marmorizada como signos de normalidade e moral por parte de setores mais conservadores da sociedade. É justamente nessa relação que a heteronormatividade se torna uma condição compulsória da subjetivação e onde se aloja a representação disciplinadora das identidades.

Dada a propensão da mídia de explorar o filão homossexual, suas manifestações receberam coberturas bastante discutidas. Haja vista a passeata de protesto organizada contra a “Operação Rondão”, do delegado Richetti da Seccional Centro de São Paulo. Na virada de 1979 para 1980, as áreas que formam o gueto homossexual de São Paulo passaram a gozar de uma liberdade sem precedentes. Nesses lugares, o beijo entre homens, o segurar nas mãos, o exibicionismo dos travestis, tornaram-se rotineiros, chegando a um ponto de se tornar intoleráveis por certos setores da sociedade. O Estado de São Paulo uma série de artigos extremamente violentos, atacando travestis. Pouco depois, começava a “Operação Rondão”, sob o comando do delegado Richetti [...] a operação foi muito violenta, atemorizou não apenas homossexuais, mas também frequentadores noturnos do centro da cidade – prostitutas, negros, artistas, desempregados, etc...Em protesto contra tais arbitrariedades, grupos homossexuais aliados às feministas e ao Movimento Negro Unificado organizaram uma passeata que contou com quase mil participantes (MacRae, 2005: 295-296)

De acordo com Okita (2007:35), as prisões arbitrárias praticadas pela polícia naquela época ganhavam força na sociedade por haver a noção de defesa da ordem, ou seja, a prisão se tornava uma prática moral para assegurar a legitimação dos valores burgueses como uma medida disciplinadora e pedagógica. Nas batidas realizadas pela polícia, michês e travestis eram os alvos mais visados porque a prostituição era vista como o desvio moral e poderia ser mais uma manifestação contra a ordem pública. Segundo levantamento apresentado por Green (op.cit.), o aumento da prostituição desses indivíduos foi reflexo da crescente comercialização e mercantilização do sexo na sociedade brasileira pela prosperidade econômica da classe média que poderiam pagar por sexo, e também, na contramão desse desenvolvimento, houve o crescimento da pobreza entre as camadas menos favorecidas, por isso a opção pela prostituição. A intenção de prender os profissionais do sexo, principalmente



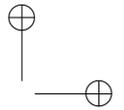
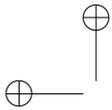
travestis, tinha um teor disciplinador, de acordo com Guido Fonseca, delegado da polícia do 4º Distrito de São Paulo, em entrevista a James Green

Mesmo que ficasse quatro ou cinco dia no xadrez, ele sofria prejuízo, porque não ganhava o suficiente para pagar o aluguel, a prestação do carro...Ele começava a se conscientizar de que aquilo que ele fazia dava o suficiente para sobreviver. Ele tinha de ou sair da área do Quatro Distrito e ir para outra área onde não havia repressão, ou arrumar emprego e viver de outra profissão (Green, 2000: 404-405)

As ações de Riquetti também foram chamadas de capa na edição de número 26, de julho de 1980. Além da crítica à arbitrariedade da polícia, essa edição trouxe severas críticas à igreja católica: “A Igreja e o Homossexualismo (20 anos de repressão): Richetti age em São Paulo e Padilha volta ao Rio”.

Aqueles que acreditavam estar vivendo uma época mias (sic) “liberal”, onde mesmo a religião estaria tentando se “rejuvenescer”(o Concílio, as missas com música profana, os padres abertos), estão hoje surpresos dever importantes setores do mundo cristão endurecer a favor de atitudes que se acreditava ultrapassadas, (Jovens Canadenses por uma Civilização Cristã, campanhas de pais católicos”, movimentos para atrair jovens para toda a espécie de experiências religiosas bem tradicionais, etc.) E muitos, no fundo, que acreditavam que Deus estava morto e bem morto, vêem-se obrigados hoje a admitir que, talvez, *Ele* estivesse apenas em coma. Mas também, se esse é mesmo o caos, talvez seja importante saber em que mãos Ele se arrisca decair ao acordar. (Lampião da Esquina, nº26, julho de 1980)

É interessante o trecho apresentado, pois trouxe, mesmo de forma não sistemática, reflexões sobre o poder exercido pela igreja enquanto uma prática discursiva de controle do corpo e o exercício de disciplina da subjetivação de indivíduos. Além do pensamento de “Deus morto”, retomado por Nietzsche no final do século XIX como uma proposta moral do desenvolvimento da condição humana, um propósito libertário que foi aceso na passagem para século XX. Nesse ponto, há relação entre Nietzsche e Foucault na intenção



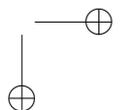
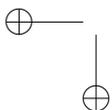
de uma moral libertária. Mesmo havendo o movimento da humanidade de se livrar das garras de poderes repressores, ainda estaria longe a promessa de uma sociedade igualitária, ainda mais pelo que tange à diversidade sexual. Por isso, a ocorrência de resistência, uma manifestação sintomática da incidência do poder e da repressão. Uma resistência que se traduz em discursos movidos pela promoção de ações em nome de ideologias libertárias.

### Considerações finais

Desde o princípio, o jornal *Lampião da Esquina* se propôs em ser um veículo de comunicação que oferecesse uma prática discursiva diferente da apresentada dos demais meios de comunicação. Apesar de ter se tornado pornográfico nas últimas edições, segundo Kucinsky (1991: 84), apresentando ensaios de homens nus como uma derradeira tentativa de competir com as publicações internacionais que veiculavam cenas de sexo explícito, houve a necessidade de oferecer uma proposta discursiva que fosse desafiadora das hierarquias de poder. Levantar questionamentos e desafiar os códigos de poder são sinais claros que elucidam para o fortalecimento da democracia.

Certamente que os posicionamentos apresentados nesse artigo são apenas amostras da qualidade de ser contra o poder vigente. A articulação discursiva do jornal é interessante, pois se propõe à realização da ação: o reconhecimento dos homossexuais no seio social pela resistência ao poder. O pensamento de Michel Foucault colaborou de modo significativo ao estabelecer a relação entre poder-saber para a formação discursiva e ao compreender que os discursos vão além da condição lingüística, interagem também com a condição histórica em que está inserido, entoando, no caso do jornal *Lampião da Esquina*, a vontade de mobilização social sobre a condição sexual de homossexuais e outras minorias.

Considerando, assim, a permanência de luta e reivindicação pela cidadania a indivíduos gays, lésbicas, travestis e transexuais e a participação deles enquanto indivíduos engajados politicamente. Essa formação discursiva oferece o empoderamento desses indivíduos e a união enquanto um grupo social. No posicionamento de Michel Foucault (1974:6), o discurso “é um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta”. Dentro do pensamento de Hannah Arendt, *Lampião*



da Esquina foi um movimento discursivo contra a obediência e normatizadora das representações da diversidade sexual e das homossexualidades.

Lampião da Esquina se tornou uma ferramenta de luta para o reconhecimento dos homossexuais e de outras minorias de empoderamento pelo discurso. Por isso, que o jornal foi considerado por Peter Fry e Edward Macrae (1983:21) “de grande importância, na medida que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais”.

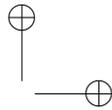
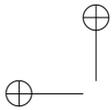
### Referências bibliográficas

- Arendt, H. (1983). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Arendt, H. (2001). *Entre o Passado e o Futuro*. 5ª Ed., São Paulo: Editora Perspectiva.
- Brandão, H.H.N. (2012). *Introdução à análise do discurso*. 3ª Ed., Campinas: Editora da Unicamp.
- Festa, R. (1986). Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In R. Festa & C.E. Lins da Silva, *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas.
- Fico, Carlos (2014). *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Foucault, M. (1974). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Cadernos PUC.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Foucault, M. (1986). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1988). *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Fry, P. & Macrae, E. (1983). *O que é homossexualidade?*. 2ª Ed., São Paulo: Editora Brasiliense.
- Green, J. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp.

- Green, J. & Polito, R. (2006). *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Grinberg, M.S. (1987). Comunicação alternativa: dimensões, limites e possibilidades. In M.S. Grinberg (org.) *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis: Vozes.
- Kuncinski, B. (1998). *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Fundação Percecu Abramo.
- Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira*. São Paulo: Escrita Editorial.
- Love, J. (1989). Autonomia e interdependência: São Paulo e a Federação Brasileira 1889-1937. *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III: O Brasil Republicano*. Volume 1: Estrutura de Poder e Economia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MacRae, E. (2005). Em defesa do gueto. In J.N. Green, R. Trindade & J.F. Barbosa da Silva, *O homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário*. São Paulo: Unesp.
- Marques de Melo, J. (1985). *Comunicação: teoria e política*. São Paulo: Summus.
- Péret, F. (2011). *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha.
- Okita, H. (2007). *Homossexualidade: da opressão à libertação*. São Paulo: Editora Sundermann.
- Rodrigues, J.C. (2010). *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EdUFF.
- Silva, J.M. (2014). *1964 – Golpe midiático-civil-militar*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Simões, J.A. & Facchini, R. (2009). *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

### Fontes

- Isto é, Editora Três, n. 53, 1977.
- Lampião da Esquina, nº. 0, abril de 1978.
- Lampião da Esquina, nº3, junho de 1978.
- Lampião da Esquina, nº12, maio de 1979.



Lampião da Esquina, nº26, julho de 1980.

Lampião da Esquina, nº31, dezembro de 1980.

